



Casa dos Patudos
Museu de Alpiarça

roteiro

A Transparência do Mundo

Aquarelas de Mestres Portugueses
do Século XX na Casa dos Patudos



Eclético e esclarecido coleccionador de arte, José de Mascarenhas Relvas (1858-1929) reuniu na sua Casa dos Patudos um impressionante espólio pictórico, que se estende desde a primeira metade do século XVI até ao limite da vanguarda modernista, destacando-se o conjunto de obras dos mestres do Romantismo e do Naturalismo. Nas salas do solar de Alpiarça, que abriu as portas como museu público em 1960, os trabalhos de grandes nomes europeus dialogam com a produção da ala mais destacada dos artistas portugueses.

De acordo com a orientação habitual na época em que viveu, Relvas privilegiou as pinturas a óleo. Porém, como verdadeiro *connaisseur*, interessou-se também por outras modalidades pictóricas então em ciclo ascendente, entre elas a aguarela. Neste âmbito, reuniu um pequeno mas valioso acervo de obras de autores espanhóis, franceses e das “escolas do Norte”, pouco a pouco completado, dentro da lógica de escolhida abrangência a que aludimos, por peças de aguarelistas nacionais. É este núcleo o objecto da presente exposição.

A aguarela, técnica da transparência

A aguarela (do italiano *acquerello*, pelo francês *aquarelle*) é uma pintura com pigmentos – os mesmos do óleo e do guache – diluídos em água e goma arábica, de onde resulta uma tinta translúcida, quase sempre aplicada sobre papel de *chiffons* muito branco e pouco espesso, seco ou previamente molhado. O seu método caracteriza-se pela transparência e delicadeza dos tons, que deixam ver o fundo, tirando partido do branco para as partes mais luminosas, ao mesmo tempo que valoriza a própria textura do grão do suporte. A pincelada, geralmente larga, deve ser directa, rápida e definitiva, *alla prima*, pois quase não admite retoques. Quando utilizada de maneira correcta, esta técnica abrevia notavelmente o processo de transcrição das imagens e, ultrapassando os limites de uma rigorosa definição formal, oferece toques mais alusivos e sintéticos, de grande vibração.

Desde tempos antigos que no Egipto, na China, no Japão e noutras partes do Oriente se recorreu a sistemas de colorido que têm a água como veículo. Em terras europeias, a aguarela derivou da prática da iluminura medieval e reflecte a tradicional divisão do trabalho nas oficinas dos miniaturistas, cabendo aos pintores completar, através do preenchimento cromático, os espaços que os desenhadores deixavam livres. Com o Renascimento divulgou-se o emprego de aguadas para a acentuação do desenho feito a lápis ou a tinta. Este método, que teve em Dürer um dos seus pioneiros, fez escola e serviu para colorir desenhos preparatórios, esboços, projectos arquitectónicos, gravuras e ilustrações científicas.

Tal como a conhecemos hoje, a aguarela resultou de um lento processo de aperfeiçoamento nos séculos XVII e XVIII. Mas a sua verdadeira renovação ocorreu já em inícios do século XIX, sob o impulso do Romantismo, e esteve muito ligada à arte

da paisagem *d'après nature*. Turner e Whistler recorreram para isto a um papel rugoso, previamente humedecido com uma esponja, de tal modo que as cores se fundem nas suas margens, produzindo um efeito parecido ao das aguarelas do Extremo-Oriente. Bonington e Cézanne insistiram em jogar com o branco do papel, que Signac utilizará em pequenas manchas. Os impressionistas adoptaram frequentemente esta técnica de mosaico para representarem os jogos da luz. Dufy, tal como Boudin, foi um dos iniciadores da aguarela moderna. Dunnoyer de Segonzac imprimiu-lhe depois extraordinária força, graças ao domínio do desenho e ao sentido arquitectónico, que se tornarão pedras-de-toque do género.

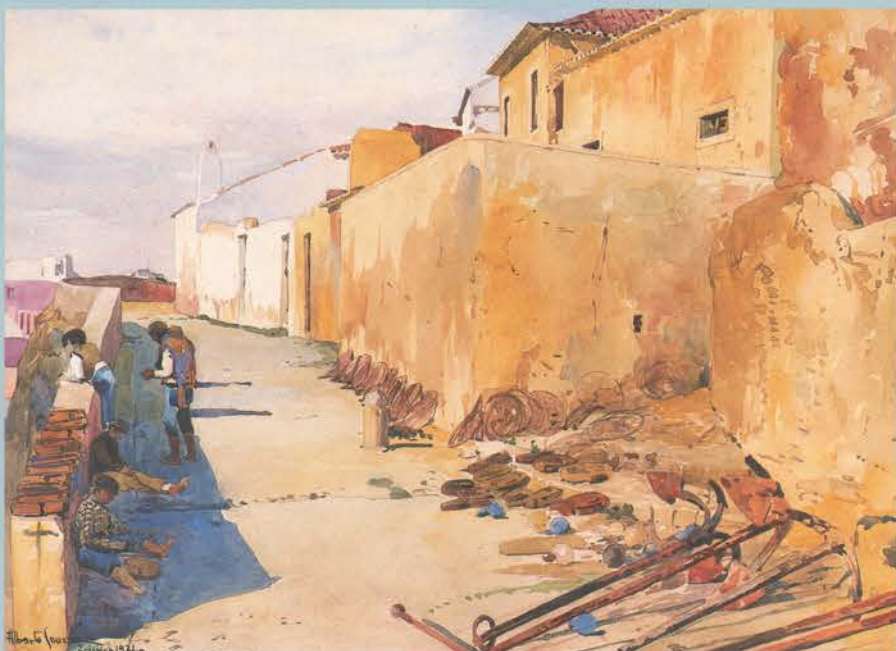




8



3



9

O aguarelismo em Portugal: do dilentatismo à afirmação

O incremento da arte da aguarela no nosso país remonta aos finais do século XIX e deve muito a alguns pintores da primeira geração do Naturalismo. Uma das suas figuras cimeiras, Ricardo Hogan, estudou em Inglaterra e adquiriu a magnífica técnica dos aguarelistas britânicos. Mas ficou a dever-se ao espanhol Enrique Casanova o contributo mais decisivo para a divulgação desta modalidade junto de um público vasto. Radicado em Portugal em 1880, o rei D. Luís escolheu-o no ano seguinte como professor de pintura para os seus filhos, opção que reflectiu a ideia, em voga na época, de que a aguarela era adequada para a iniciação aos trabalhos a óleo. O magistério de Casanova entusiasmou o príncipe D. Carlos, que veio a ser exímio aguarelista, e marcou a vida da corte, passando a aguarela a formar parte da educação dos filhos das famílias abastadas.

No entanto, o crescente prestígio desta modalidade pictórica – cujo cultivo ia ao encontro das preferências da sociedade burguesa do *fin de siècle* – ultrapassou os limites do dilentatismo e despertou o interesse de toda uma plêiade de artistas para as suas potencialidades plásticas. **Columbano Bordallo Pinheiro**, o arguto e quase sempre taciturno observador de uma certa vida lisboeta que oscilava entre a solenidade e a melancolia, entre a luz e as sombras, foi um dos pintores que encontrou nessa técnica um meio privilegiado de expressão, sobretudo no que diz respeito à elaboração de estudos e bosquejos.

Estavam assim lançadas as bases para o reconhecimento, ao entrar no século XX, de uma verdadeira escola de aguarelistas portugueses, cujo percurso pode ser seguido, ano após ano, através das exposições promovidas pela Sociedade Nacional de Belas-Artes, defensora das tradições naturalistas. A sua referência fundamental foi **Alfredo Roque Gameiro**, um dos discípulos predilectos de Casanova que completou a formação na Alemanha e se tornou mestre de mestres. Com ele ombrearam vultos de primeiro plano, da mesma geração ou de gerações imediatas, como Jorge Colaço, Alfredo de Moraes, Pedro Guedes e, sobretudo, **João Alves de Sá** e **Alberto de Souza**. A estes famosos cultores da aguarela seguiram-se outros pintores de mérito, entre eles António Vitorino, Leitão de Barros, Martins Barata e Hermano Baptista. Quanto aos alunos de Roque Gameiro, cabe lembrar, além dos seus filhos Raquel, Helena, Rui e Maria Emília (Mamia), os nomes de Álvaro da Fonseca e de Maria de Lurdes Braamcamp de Figueiredo.

Desenvolvido com contributos de diversos quadrantes, o legado do aguarelismo naturalista amadureceu ao longo do segundo quartel do século, conhecendo justificada projecção no panorama artístico nacional, ainda dominado pelas correntes figurativas. A obra de um pintor aberto à estética internacional, **Eduardo Leite**, é paradigmática de uma etapa de transformação. Em 1949 realizou-se a 1.^a *Exposição Autónoma* do Grupo Português de Aguarelistas, importante marco na história desta modalidade. Desde que Ricardo Hogan, em 1892, promovera a fundação, à imagem das instituições britânicas congéneres, de uma pioneira *Sociedade dos Aguarelistas Portugueses* – iniciativa que, mercê do seu carácter prematuro, não prosperou –, tinha sido percorrido um longo e inventivo caminho no sentido da afirmação da aguarela como um domínio maior no universo da arte pictórica.





1

Columbano Bordallo Pinheiro (1857-1929)

Senhor de um percurso artístico muito singular, foi o mais destacado pintor português da transição do século XIX para o XX. Na sua obra de largo sentido naturalista, amiúde marcada por um espírito de sombrio intimismo, ressalta o interesse pela vida silenciosa, profunda, dos seres e das coisas, que soube captar à perfeição. A par de um supremo domínio da técnica do óleo, cultivou a aguarela em apontamentos e ensaios preparatórios das telas.

Alfredo Roque Gameiro (1864-1935)

Herdeiro de uma escola ainda em génese, contribuiu para a emancipação da arte da aguarela, sendo reconhecido como "o primeiro aguarelista português". A técnica segura, patente no admirável colorido em que preponderam os efeitos de transparência e variedade cromática, conferiu-lhe lugar único na arte nacional. Pintou inúmeros motivos gratos à sua geração, de marinhas e paisagens campestres a cenas da vida tradicional – com destaque para a velha Lisboa – e retratos. Mestre de várias gerações de aguarelistas.

João Alves de Sá (1878-1982)

Um dos mais apreciados aguarelistas da primeira metade do século XX, hoje injustamente pouco lembrado. Embora sem se afastar da temática cultivada pelos contemporâneos e dos ensinamentos colhidos junto de Manuel de Macedo, seguiu um caminho próprio. As suas obras, de cromatismo suave e impressivo, evidenciam uma delicadeza sentimental que ultrapassa os convencionalismos da escola naturalista.

Alberto de Souza (1880-1961)

Seguidor de Roque Gameiro, distinguiu-se pela excelência do desenho, pela limpidez da paleta e pelo sentido da luz. À semelhança do seu grande mentor, percorreu Portugal em incessantes pesquisas históricas e etnográficas que deram origem a uma variada e completíssima galeria de tipos e costumes regionais, monumentos e trechos da paisagem urbana, campestre e marítima. Foi também notável ilustrador.

Eduardo Leite (? - ?)

Prosseguiu com vigor a tradição figurativa das gerações primordiais do aguarelismo português, dedicando especial interesse ao estudo das relações entre os trechos arquitectónicos e o espaço envolvente. Ainda escassamente estudada, a sua produção destaca-se pela qualidade compositiva, pelo estudo das cores e pelo requintado tratamento do jogo da luz e das sombras.



1. Columbano Bordallo Pinheiro

Retrato de Senhora

1918

Aguarela sobre papel colado em cartão

Inv.º n.º CP-MA 84.813

2. Alfredo Roque Gameiro

Torre de Menagem do Castelo de Viana do Alentejo

S. d.

Aguarela sobre papel colado em cartão

Inv.º s. n.º

3. Alfredo Roque Gameiro

Torre da Misericórdia (Viana do Alentejo)

1922

Aguarela sobre papel colado em cartão

Inv.º n.º CP-MA 84.832

4. Alfredo Roque Gameiro [capa]

Mar de Espuma

1922

Aguarela sobre papel colado em cartão

Inv.º n.º CP-MA 84.830

5. João Alves de Sá

Camponesa

1910

Aguarela sobre papel

Inv.º n.º CP-MA 84.822

6. Alberto de Souza

Porta Manuelina (Évora)

1918

Aguarela sobre papel colado em madeira

Inv.º n.º CP-MA 84.860

7. Alberto de Souza

Sé Velha (Coimbra)

1920

Aguarela sobre papel colado em madeira

Inv.º n.º CP-MA 84.859

8. Alberto de Souza

Efeito do Luar (Ericeira)

1921

Aguarela sobre papel colado em madeira

Inv.º n.º CP-MA 86.150

9. Alberto de Souza

Um trecho da Ericeira

1921

Aguarela sobre papel colado em madeira

Inv.º n.º CP-MA 84.831

10. Alberto de Souza

Ermida de Nossa Senhora dos Remédios (Viseu)

1921

Aguarela sobre papel colado em madeira

Inv.º n.º CP-MA 84.865

11. Eduardo Leite

Palácio dos Marqueses de Pombal (Oeiras)

1925

Aguarela sobre papel

Inv.º n.º CP-MA 84.835



Casa dos Patudos
Museu de Alpiarça